

## **IMAGENS DO RACISMO E DEVORAÇÃO DE CORPOS ESCRAVIZADOS <sup>1</sup>**

### **IMAGES OF RACISM AND DEVOURATION OF ENSLAVED BODIES**

Laís Melo de Andrade<sup>2</sup>

Ana Paula dos Santos Silva<sup>3</sup>

Fernando José Reis de Oliveira<sup>4</sup>

#### **Resumo**

As imagens sobre o corpo negro traz consigo uma narrativa das imagens eurocentricas e a história do colonizador sobre seus feitos. Este trabalho analisa criticamente as imagens do racismo sobre os corpos negros em narrativas eurocêntricas da dominação e pela crítica das imagens e representações identitárias dos corpos negros, desmistificando seus códigos culturais, sistemas símbolos e valores. Eis como vamos analisar as imagens e narrativas midiáticas das representações do corpo negro para realizar a crítica social do racismo, com base nas leituras de HALL(2016), GALEANO(2011) e GOMES(2003), apoiando-nos na teoria da mídia de PROSS(1980/1983), na crítica da devoração dos corpos pelas imagens de BAITELLO Jr,(2000/2014) e na contribuição de FLUSSER(1982).

**Palavras-chave:** Imagem. Narrativas. Descolonização do corpo negro. Racismo.

#### **Abstract**

The image on a body brings with it a narrative of images and the colonizer's story about his deeds. This work critically analyzes images of racism about black bodies in the Eurocentric narratives of domination and representation by criticizing the identity images of black bodies, demystifying their cultural codes, symbol systems and values. Here is how we will analyze the images and media narratives of the representations of the black body to carry out the social critique of racism, based on the readings of HALL(2016), GALEANO(2011) and GOMES(2003), based on the media theory of PROSS(1980/1983), in the critique of the devouring of bodies by the images of BAITELLO Jr,(2000/2014) and contribution by FLUSSER(1982).

**Keywords:** Image. Narratives. Decolonization of the black body. Racism.

#### **Introdução**

O corpo é um sistema complexo, cujo seu maior órgão é a pele, envolvendo a tessitura curvilínea de sua escultura e a musculatura revestida de carne e ossos. Um envoltório de texturas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Eixo Temático Diálogo, Discurso e o outro na Comunicação do VII CoMCult, Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2021.

<sup>2</sup>Especialista em Gestão Cultural (UESC), Pesquisadora do Grupo de Comunicação, Cultura e Mídia (CNPQ) da Universidade Estadual de Santa Cruz; E-mail: ass.laismelo@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Bolsista de Iniciação Científica, vinculada ao Grupo de Comunicação, Cultura e Mídia (CNPQ); E-mail: paulaylavida@gmail.com

<sup>4</sup> Professor- Doutor em Comunicação (PUC-SP), Pesquisador e Professor Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Coordenador do Grupo de Comunicação, Cultura e Mídia (UESC) e Diretor do Departamento de Letras e Artes (DLA). E-mail fjrdeoliveira@gmail.com

e sinuosidades, feito de cantos e encantos revestidos pelo tecido epitelial, por onde se faz vicejar e reverberar a cor da pele.

O corpo humano é dotado de cor e os seres humanos classificados de brancos, pardos e negros predominantes, em uma categorização grosseira dos corpos, que negligência a diversidade étnica e a multiplicidade de corpos, fruto das misturas de povos e raças, e as operações de miscigenações raciais, linguísticas e simbólicas, que o complexo processo de formação da sociedade brasileira possibilitou, e que estão enraizadas nas profundezas de nossa história.

A cor da pele até hoje, e mais do que nunca, tem gerado profundas implicações de ordem identitária e relacional, com os rebatimentos sobre a crise dos valores presente em nossa sociedade atual. Isso fica evidente nas imagens e narrativas do racismo estrutural e do preconceito racial disseminado na cultura e na mídia, que dão lugar aos movimentos de enfrentamentos sociais contra as estruturas de poder - e a violência das imagens do racismo - e as práticas autoritárias do Estado sobre os corpos negros e pelo uso da violência legítima do aparelho repressor estatal - sobretudo do poder de política e o tratamento dado aos corpos negros em comunidades em estado de vulnerabilidade - ampliando-se também para a população de classe média/ rica - evidenciadas pelas imagens de cunho racista, que circulam na mídia e nas narrativas da violência sobre os corpos negros, alvos de preconceitos raciais à céu aberto, em nossos dias. Eis como vamos analisar as imagens do racismo e o fenômeno da devoração dos corpos pelas imagens do preconceito racial veiculadas pelas mídias e que alimentam um imaginário coletivo preenchido por imagens de violência, dominação, humilhação e submissão, disseminando a violência racial sobre os corpos negros e os povos originários.

A “coerção para transformar pessoas complexas, corpos vivos em imagens torna-se a cada dia mais forte e irresistível mesmo, como uma forma estratégica de conquista”, assinala Baitello (2014 p.28). Além de ser o resultado de uma construção histórica, o corpo também é suporte das imagens em cada época e estas se formam nos fenômenos da cultura e da mídia, como um meio vivo que conserva dentro de si as imagens e seus valores subjacentes.

Esse artigo se propõe a realizar uma análise crítica das imagens do corpo negro na cultura, que perpassa as narrativas imperialistas de natureza eurocêntrica e nos remetem para as imagens do racismo - e seus símbolos - na formação do imaginário da sociedade brasileira.

## **Imagens e representação do corpo na teoria da mídia**

O jornalista e estudioso da comunicação Harry Pross (1980; 1983) adota o seguinte princípio na formulação de sua teoria da mídia: toda comunicação inicia no corpo e retorna em última instância ao corpo, mesmo nos contextos dos quais a transmissão da informação se faz mediada pelas tecnologias da comunicação. Não haveria meios de comunicação - rádio, televisão, rede de computadores e mídias sociais - se não tivéssemos na ponta dos processos para fazer a conexão entre informações, imagens e mídias, e os corpos vivos de seres humanos. Para este autor o corpo é mídia primária, ou o meio primordial dos processos de comunicação, responsável pela produção das linguagens corporais, fundamento de toda mídia: “Toda comunicação humana começa nos meios primários, com os quais os indivíduos se encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e toda comunicação retorna para lá” (PROSS, H. 1972, p.128 *apud* BAITELLO JR, N. 2018, p.36). O corpo é mídia e também produtor de inúmeras linguagens com as quais o ser humano se relaciona e por meio delas estabelecem vínculos comunicativos entre si. O vínculo entre duas pessoas pode ser tomado como a unidade mínima da comunicação.

Essa noção de mídia apresentada por Pross (1980; 1983) ‘que reconhece o corpo como fundamento de toda comunicação’, é consideravelmente distinta do conceito de mídia presente nas teorias tradicionais sociológicas e antropológicas que embasam o estudo da comunicação de massa. Essas últimas não veem o corpo como objeto de estudo dos fenômenos da comunicação e da cultura, muito menos como fundamento primeiro e último de onde nascem todas as linguagens e para onde se dirigem todas as mensagens. Não podemos esquecer que o corpo, os gestos os movimentos, os sons, os cheiros, as texturas, a postura corporal, a audição, a visão, o paladar, o olfato e o tato são os recursos e os meios que lançamos mão para a efetividade de nossos processos comunicativos corporais, através do contato direto e presencial, quando todo ser humano utiliza os sentidos e a percepção da sensorialidade corporal, que dispensa a mediação de equipamentos, para interagir e se comunicar com o outro e seu entorno. O corpo é, nossa mídia primária e primordial, sem a qual não podemos nos comunicar por meio de equipamentos com os outros corpos. Sem o corpo não há comunicação social.

Por outro lado, Pross também relaciona em sua teoria da mídia as chamadas mídias secundárias, que nos possibilitam a amplificação das mensagens, para atingir uma audiência mais elevada e representativa, como forma de permitir a propagação e a permanência, por mais tempo, do sinal do emissor da mensagem. Ao fazer uso dos meios secundários, o emissor vale-se de equipamentos para realizar a transmissão dos sinais e das informações, lançando mão de aparatos técnicos de posse do comunicador, emissor da mensagem, que lhe assegura uma condição de poder sobre os receptores das mensagens ou da sociedade.

Sob outra perspectiva, com a evolução dos processos de mediação da comunicação e o avanço das máquinas de propagação da visão, da audição e do campo audiovisual, além da convergência das novas tecnologias da informação e da comunicação, e sobretudo pela entrada em cena das mídias sociais, amplia-se o papel das mídias terciárias na cultura e sociedade. As mídias terciárias não podem funcionar sem a mediação de equipamentos, tanto nos processos de emissão quanto de recepção de mensagens. Sobretudo, considerando que na contemporaneidade os processos de comunicação passam a ser mediados por aparatos técnicos computacionais, plataformas de rede digitais e interativas de comunicação. Nesse contexto, os emissores e os receptores de mensagens se alternam no lugar de comunicadores. Ambos os lados precisam estar equipados com os meios técnicos, computacionais e em rede, necessários para que a comunicação ocorra.

Todavia, com as artimanhas da virtualidade somadas às operações de abstrações do corpo até chegarmos a sociedade das imagens seriadas, o corpo vai perdendo dimensões de espacialidade até ganhar a condição proporcionada pelo surgimento da imagem técnica e o mundo da virtualidade. Agora os corpos que eram por sua própria natureza tridimensionais ou coisas duras e materiais, ascendem à condição de não-coisas na acepção de Flusser, para se transformarem em corpos imateriais, meras imagens técnicas resultantes da síntese informacional, diagramática ou hologramática, representações granuladas e digitais, pixels, pontos, até se converterem em imagens nulodimensional: índices, estatísticas, percentuais, senhas e números.

Os corpos se tornam imagens em substituição aceleradas e contínuas, que se oferecem como substitutos mais que perfeitos. Se as imagens dos corpos somem como os próprios corpos,

o que dizer das imagens dos corpos negros, que vêm sendo historicamente diminuídos, reduzidos e subalternizados na condição humanitária, existência real, cultura e em sua história? Alvo de representações em narrativas hegemônicas e eurocêtricas, que lhe retiram e subtraem a dimensão humanitária, sendo reduzidos à condição de animais escravizados. Eis como vamos analisar as imagens e representações dos corpos negros e o espírito que perpassa o imaginário coercitivo, preenchidos de imagens do racismo e do preconceito étnico que varreu a nossa história civilizatória no ocidente e que demonstra ainda um profundo vigor nas imagens midiáticas do racismo que circulam em nossa sociedade e em nossos dias.

### **Imagens e narrativas eurocentricas do corpo negro**

A forma de pensar, de produzir e até mesmo a crença em um mundo moderno e pós-moderno, na era das grandes navegações aos processos de globalização, está entrelaçado às narrativas hegemônicas eurocêtricas das conquistas e dominações - e suas representações - frente aos outros povos e continentes, modificando culturas, religiões e impactando na formação de miscigenação das etnias.

A condição imperialista da cultura eurocêntrica e o processo de dominação dos povos subalternizados foi sustentado às custas da preservação das imagens de austeridade, para manter a dominação diante da estratégia hegemônica, que valia-se da desvalorização dos povos etnicamente diferentes da raça branca, dita e havida como ‘absoluta’, ‘pura’ e ‘superior’, e que foi amplamente utilizada como artimanha para justificar a escravidão e o tráfico de pessoas. Os corpos negros foram moldados, sobretudo, a partir das configurações sociais impostas pelo capital em seu processo de acumulação de riqueza, e submetidos às condições desumanas das escravidão e do tráfico negreiro, com a chegada de 5,0 milhões de cativos africanos no Brasil, equivalente a 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América, por três séculos e meio de escravidão. Said (1993, p.334) historiador da cultura, observa que “os escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo ‘trazem dentro de si o passado’, como cicatrizes de feridas humilhantes, como uma instigação a práticas diferentes”. Essas práticas estão vinculadas ao decolonialismo que visa romper com os padrões impostos pelo passado, que estão presentes na

cultura atual como um processo de reivindicação de revisão das imagens dos corpos negros e das narrativas dos acontecimentos e fatos que fazem parte efetivamente da história.

Contudo, através do modelo europeu, foram erguidas sociedades que até os dias de hoje, usam justificativas da supremacia branca para reproduzir narrativas racistas estruturalizadas e tóxicas. Segundo Bhabha (1998, p.103) o discurso colonial depende do conceito de fixidez que é como um signo da diferença cultural, histórica e racial, se faz imprescindível na construção da alteridade, juntamente com o uso da ambivalência das estratégias discursivas e psíquicas. Quijano (2009, p.107), por sua vez, assinala que ‘a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista’. O poder do colonizador de fato acontece, quando ele usa o obscurantismo para alterar a imagem do colonizado por meio da força e captura.

A representação histórica nas narrativas eurocêntricas desqualifica as demais culturas que se faz presente na sociedade. Assim, como diz a palavra “eurocentrico”, traz a Europa para a centralidade de todas as atividades culturais e econômicas. Não obstante, o continente americano foi conquistado e como dizem os conquistadores ‘descoberto’, Quijano (2009), fala que a América surgiu como um modelo de identidade da modernidade, mas convenha-se que demonstrava-se mais o de ‘padrão de poder’, resumindo as explorações em relação ao trabalho e as pessoas. A América desde a sua colonização e por muitos anos, foi um cofre aberto para todos aqueles que tinha poder, em especial os colonizadores europeus advindos das expedições das grandes navegações a fim de explorar as riquezas do Novo Mundo. Os processos de colonização, escravização de indígenas e africanos, mesmo após a abolição - e com o passar dos anos os resquícios expostos como a fome e pobreza - em meio a tantas riquezas geradas no próprio território, em um cenário de exploração desenfreada, são as grandes marcas deixadas pelos colonizadores e suas políticas de dominação imperialista, cuja exploração e violência sofrida pelos nativos e africanos trazidos à força ainda repercutem em nossos dias.

Em *As veias abertas da América Latina*, Eduardo Galeano (2011), descreve a realidade de anos do continente que se ‘especializou em perder’ e continua trabalhando como serviçal para satisfazer as vontades e necessidades alheias. Vejamos:

Essa triste rotina dos séculos começou com o ouro e a prata, e seguiu com o açúcar, o tabaco, o guano, o salitre, o cobre, o estanho, a borracha, o cacau, a banana, o café, o petróleo... O que nos legaram esses esplendores? Nem

herança nem bonança. Jardins transformados em desertos, campos abandonados, montanhas esburacadas, águas estagnadas, longas caravanas de infelizes condenados à morte precoce e palácios vazios onde deambulamos fantasmas. (GALEANO, E. 2011, p.3).

Em virtude de todos esses processos civilizatórios de disputas de poder, quando analisamos a população em meio a fome, pobreza e vulnerabilidades sociais, observamos que a cor preta/negra, traz consigo inúmeras disparidades ocasionadas por anos de repressão, não somente social, econômica, mas também cultural. Essa disparidade é exposta através dos corpos negros escravizados e devorados sistemicamente pelo processo de colonização, que via o homem e mulher de cor preta como uma máquina de trabalho, um sistema reprodutor e objeto sexual.

Nessa concepção Quijano (2009), demonstra que a ideia de raça é uma categoria da mentalidade moderna, e dentro dessa perspectiva houve a divisão racial do trabalho que estruturava o processo de servidão ou análogo ao trabalho escravo, os piores trabalhos ou atividades subdesenvolvidas eram para pessoas negras e isso continua até hoje, pois boa parte da população marginalizada e sem escolaridade advém do histórico da colonização. Conseqüentemente, a história não se encarregou de reiterar a população negra. Os livros didáticos de história são provas materiais disso ao expor as imagens perversas dos corpos negros em situação de servidão, forma essa que naturalizou os processos de exploração apresentados pelos colonizadores, descobridores de terras, disseminando as imagens mais cruéis, e sem defesa ótica da escrita e lugar de fala.

Nos dias hodiernos, debater as questões antirracistas junto às abordagens teóricas, decorrentes da Lei 10.639 de 2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos ajuda a combater o racismo, a intolerância religiosa e até mesmo a falta de identificação e no encorajamento de ser identitariamente quem somos. Sabemos também que o advento da lei não foi suficiente para promover as transformações requeridas pela educação.<sup>5</sup> Basta refletirmos!

---

<sup>5</sup> O debate sobre a Lei 10.639, de 2004, e as mudanças requeridas pelo campo educacional ainda estão por se fazer em nossa sociedade. Essa é uma problemática de grande relevância para a transformação na sociedade, todavia, fuge ao escopo desse artigo fazer aqui essa discussão.

Quantas pessoas conhecem as histórias de seu próprio povo, contada na perspectiva da visão etnicamente negra? Não podemos esquecer que o lugar de fala da cultura negra, foi, por anos, invadido pelas imagens e narrativas oriundas da visão supremacista branca, especialmente europeia. O mesmo aconteceu nas relações existentes dentro do ambiente de formação escolar, demonstrando como a visão estereotipada das imagens do racismo pode afetar a formação social e identitária dos adolescentes e jovens na escola, influenciando a formação da mentalidade individual e coletiva na vida adulta. Neste contexto vemos a posição de Joyce Silva:

O estereótipo estrutura a imagem do sujeito, transforma a sua autoimagem e o seu corpo, tornando este em um ser desajustado na sociedade. As populações atingidas por estereótipos têm na constituição de sua identidade o peso dessas visões. São instituídos rótulos, padrões de comportamentos e ações que acabam por marcar a corporeidade do indivíduo na sociedade. Estas diferenciações instituídas a partir das características físicas dos indivíduos acabam por modificar os corpos destes. Assim, toda a linguagem e imagem corporal que é construída pelo indivíduo a partir de seu corpo e de seu contato com o meio onde vive, é influenciada pela atuação dos estereótipos. Os Comportamentos e atitudes deste corpo obedecem às ordens impostas pela cultura e pelos olhares que o Outro mantém sobre ele, neste caso, olhares estereotipados, que influenciam diretamente em seu autoconhecimento (SILVA, 2014, p.269).

A importância da cultura e história negra na sociedade e presente na sala de aula, permite o direito da construção da identidade, o protagonismo de sua história e a educação libertadora sem tabus. Nilma Gomes (2014) afirma que a cultura é ressignificação:

Os homens e as mulheres, por meio da cultura, estipulam regras, convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e dos grupos. Por meio da cultura eles podem se adaptar ao meio, mas também o adaptam a si mesmos e, mais do que isso, podem transformá-lo (GOMES, N. 2014, p.4).

Gomes enfatiza a importância da cultura na educação e como ela funciona na sociedade. Isso permite sermos donos da nossa história e agentes da nossa cultura, assim como os Griots<sup>6</sup> e Sankofas<sup>7</sup>, que transmitem as histórias e retornam ao passado para ressignificar o presente. Reafirmamos no contexto dos autores abordados acima a importância da cultura.

---

<sup>6</sup> O termo griot vem da palavra guiriot, em francês e da palavra criado, em português. Significa contadores de história, cantores, poetas e musicistas da África Ocidental, importantes para a transmissão dos conhecimentos dentro das culturas de diferentes países africanos.

<sup>7</sup> Sankofa, surgiu com o provérbio ganês “Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi”, que significa “Não é tabu voltar para trás e recuperar o que você esqueceu (perdeu)”. A palavra sankofa tem dois símbolos que a representam, um



A cultura é enormemente poderosa, porque os seres humanos criam, criaram a cultura, que é o mundo imaginário que nos cerca, e entraram nesse mundo imaginário e vivem dependendo desse mundo imaginário. Uma outra definição de cultura poderia ser o mundo das imagens. Mundo imaginário é o mundo das imagens. Então o que faz parte da cultura, do mundo da cultura? Todas as nossas religiões, todas as nossas crenças, todas as nossas histórias, todo o nosso imaginário, todos os nossos desejos, tudo o que afinal de contas a gente cria e conta de geração a geração (BAITELLO JR, N. 2007, p. 2).

O discurso colonial e racista representa os povos colonizados como bestas selvagens estereotipando o modo como esses sujeitos se vestiam inapropriadamente, não controlavam sua libido e viviam em habitações parecidas com ninhos, tocas, etc, dentre outras imagens negativas. Vinculando as imagens dos indivíduos valentes e selvagens com a dos animais silvestres, ambos criaturas ferozes, vagando nas terras africanas ou nas terras não habitadas do Novo Mundo, no caso dos povos indígenas. Não podemos esquecer que o processo de animalização faz parte do mecanismo mais eficaz da redução do negro ao homem natural, ao biológico, retirando-lhe do lugar de ser cultural, associando os corpos negros colonizados às imagens vinculadas aos fatores vegetativos e instintivos ao invés de valorizar sua ligação aos aspectos culturais e intelectuais, das culturas orais e a sabedoria relativa aos cultos dos deuses nas culturas ancestrais africanas.

As imagens também se prestam a criar falsas realidades, com a função de produção de sentidos e representações do imaginário que atendem aos anseios de dominação e violência para o êxito das estratégias, sobre os povos dominados. As imagens dos corpos são criadas com a finalidade última de acomodarem - seja para retratar os acontecimentos do processo histórico propriamente dito, seja para ilustrar com imagens de personagens, estereótipos e simbolizações, que a desvalorizem.

### **Imagens do corpo negro na cultura e nas mídias**

Vivemos em uma era onde as imagens fazem parte da nossa vida e estão inseridas em nossa cultura como o ar que respiramos. Desde o período industrial as imagens são produzidas,

---

pássaro mítico e um coração estilizado, simboliza a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor.

reproduzidas e consumidas em larga escala e em altíssima velocidade. É notório que o advento da tecnologia ampliou os processos de produção, reprodução e consumo de todos os tipos de imagens. Esta seção analisa as imagens e representações dos corpos negros na cultura e nas mídias. Imagens essas que evidenciam a estereotipagem dos corpos negros e todo o estigma engendrado durante anos, para forjar narrativas falseadoras da realidade das mulheres e dos homens negros. A análise imagética se faz necessária para entendermos o processo de dominação engendrado pelas imagens e narrativas midiática do corpo negro, em jogos de representação para fundamentar o exercício da crítica e da contestação que fazemos nesse trabalho.

As imagens do corpo negro foram utilizadas desde os primórdios das conquistas coloniais como estratégias de propagação por intermédio das mídias secundárias e terciárias. O mecanismo de propagação de imagens humilhantes e constrangedoras do corpo negro através de ilustrações de folhetos, rótulos e em revistas tinham como principal objetivo convencer sobre a inferioridade étnica e cultural, reduzindo e desumanizando os corpos pelas natureza das imagens utilizadas. Essa estratégia prevaleceu até os anos 2000, quando ainda se propagavam imagens geradas pelo ideário colonialista, a exemplo das propagandas de produtos de limpeza, essas imagens vão influenciar o imaginário coletivo para justificar a violência aplicada desde o processo de colonização:

As imagens da conquista colonial estampadas nas caixas de sabão(...) latas de biscoito, garrafas de uísque(...) Nenhuma forma de racismo organizado havia conseguido alcançar tantas pessoas diferentes de uma população (MC CLINTOCK, 2010, apud HALL, S. 2016, p.164).

Outro exemplo de representação imagética inferiorizando o corpo negro foi o episódio envolvendo os tablóides britânicos no ano de 1992, que ao divulgarem as imagens do corpo de Linford Christie, campeão olímpico dos 100 metros, enfatizaram o tamanho do órgão genital do atleta. O assunto gerou amplo debate e repercussão gerada na sociedade britânica pelas imagens veiculadas pela mídia, gerando indignação por parte do atleta Christie que se manifestou contestando o tratamento racista dado pelo jornal The Sun ao fato. Ao sexualizar o corpo negro retira-lhe o foco do mérito de sua vitória pela valorização de um herói olímpico negro em uma sociedade branca europeia, desviando a atenção para ressaltar os atributos físicos do corpo negro, retirando-lhe o mérito intelectual e do seu esforço físico da conquista. Esse

tratamento estava presente nas estratégias adotada no passado do discurso colonial das imagens eurocentricas dos corpos negros escravizados e objetificados.

Para Fanon “esse é o objeto de uma fantasia generalizada que se fixa no negro em função de seus órgão genitais” (FANON, 1986[1952]:p.170 apud HALL, 2016, p.148). Constata-se assim a predisposição da mídia em estigmatizar e massificar as imagens do corpo negro com representações racistas e preconceituosas. Imagens cujas narrativas são aliadas para a fixação de crenças e ideias gerando crise e instabilidade na mentalidade individual e coletiva da sociedade pelo efeito de propagação da imagem e do conceito imagético utilizado de forma manipuladora, pelo uso dos códigos de representação ritualizados, desencadeando problemas e repercussões negativas em diversas áreas da vida social do homem e mulher negra. Segundo Baitello Jr. (2014), as imagens são símbolos que sintetizam os acontecimentos sociais, resultantes de vivências de todos os tipos. Perante o exposto, pode-se concluir que as imagens não representam o todo e sim uma parcela do fato.

Comprendemos que uma imagem é uma síntese de algo, e sua mensagem é uma representação parcial do objeto representado: o corpo negro. Essas imagens são carregadas de representações e símbolos, imagéticos, narrativos ou audiovisuais e são portadoras de valores. “Por isso as imagens evocam os símbolos e, ao evocá-los, os ritualizam e os atualizam” Baitello (2014, p.24). Assim, podemos perceber, cada vez mais, a reprodutibilidade técnica das imagens e a ritualização delas na contemporaneidade. Walter Benjamin já sinalizava sobre os aspectos decorrentes da reprodutibilidade, quando falava sobre a crise das imagens causada pela sua necessidade de apelo e exposição, o que geraria uma descontrolada criação e propagação de imagens, para manutenção de seus códigos e efeitos subjetivos no ambiente da sociedade. Galtung define violência como:

[...] todo ataque evitável contra as necessidades humanas básicas e contra a vida em geral. Por meio da violência, as possibilidades de satisfação das necessidades são minimizadas e mantidas sob pressão em um baixo nível. Como violência contam também as ameaças de violência (GALTUNG, 1997, p.913 apud BAITELLO, Jr. 2014,p.61).

O autor identifica que a violência direta e a violência indireta ou estrutural incide sobre: a ) o bem-estar; b) a sobrevivência; c) a liberdade; e, d) a identidade. O autor aprofunda a análise sobre a violência estrutural contra a identidade, chamada de normização, por intermédio

da palavra e da imagem, pois ambos os critérios incidem e operam com os resíduos simbólicos e os sociais existentes. Eis a leitura de Baitello Jr, para a questão:

A distribuição de símbolos e imagens, seja ela feita pelos códigos de visualidade, seja por outros códigos, cria grandes complexos de vínculos comunicativos - grupos, tribos, seitas, crenças, sociedades, culturais - e, com isso, cria realidades que não apenas podem interferir na vida das pessoas como de fato determinam seus destinos, moldam sua percepção, impõem-lhes restrições, definem recortes e janelas para o seu mundo (BAITELLO Jr, 2014. p.62).

Consoante a isso pode-se analisar criticamente imagens de pessoas pretas em situações de manifestação aberta de violências, principalmente no que diz respeito à identidade dos corpos negros - de homens e mulheres - usurpada e apropriada em seus direitos básicos e fundamentais. A partir da relação das imagens, percebe-se o quanto ela é violenta dentro de uma sociedade colonizada usando o apartheid social para beneficiar as elites.

As consequências das imagens do racismo ajudou a criar a escravidão que ainda tem impacto profundo em nossa sociedade, na cultura, no sistema político e da mídia sobre o corpo negro. Adverte Baitello (2000) que ‘a imagem também se constitui em diálogo com seu entorno’, entretanto, ‘já não vemos as imagens, apenas somos vistos por elas’. As imagens que temos do corpo negro e indígena foram forjadas pelo colonizador nas narrativas da escravidão, da submissão e da devoração dos corpos e hoje em dia são forjas pelas representações midiáticas da violência estrutural e institucional sobre o ser humano negro, que assistimos diariamente em nossa sociedade.

Heilmair e Baitello Jr. (2019 p.140), afirmam através dos seus estudos que as imagens fazem parte do nosso cotidiano, logo ‘produção de imagens são idênticas às condições da possibilidade de uma existência humana consciente’. Concluindo que, ‘vemos o mundo através das imagens’. A escritora Djamila, (2019. p.5) questiona: “disseram-me que a população negra era passiva e que “aceitou” a escravidão sem resistência”. Sabemos que as imagens ajudaram a povoar o imaginário da cultura e entraram em processo de proliferação exacerbada, habitando nas narrativas identitárias, quando escutamos, lemos e vemos em gravuras dos livros.

Eis como assimilamos e aceitamos a imagem do racismo e não nos chocamos, ao perceber que o corpo negro era valioso como mercadoria destituída de humanidade nas imagens geradas pelas narrativas hegemônicas do colonizador, que estão vivas sob a forma de racismo

estrutural em nossa sociedade. O discurso do capital que é branco, sobre o corpo negro sempre falou mais alto que a própria humanização, colocar um homem dentro de uma gaiola ou acorrentá-lo como um animal domesticado, vale mais, do que vê-lo como um homem livre. Essa imagem selvagem e animalesca, ainda permanece configurada no imaginário social, independente de etnia, causando o mal-estar civilizatório em nossos dias. Devemos, como sugere Flusser (1982, p.68) reconhecer o valor do outro em nossas relações identitárias. Ouçamos o autor: “assuma a alteridade sem perder a identidade”.

### **Considerações Finais**

Nesse trabalho analisamos as narrativas da dominação pelas imagens dos corpos negros, com o intuito de contribuir para a crítica ao racismo enraizado em nossa sociedade e a desmistificação das imagens midiáticas e os códigos culturais identitários, que contribuem para a perpetuação das desigualdades sociais e culturais em nossos dias.

Nessas narrativas históricas, as imagens dos corpos afrodescendentes oscilam entre corpos feitos para o trabalho escravo, para resistir a dias de sol e pelourinho, e corpos feito para as práticas sexuais, sinônimo de um corpo sedutor, lascivo, ‘feito para o pecado’, cujas imagens foram engendradas pelas narrativas eurocêntricas da colonização, que ainda reverbera em nossa sociedade. A imagem do corpo negro e o racismo enraizado nas narrativas eurocentricas da conquista dos povos africanos colonizados e escravizados ainda se faz presente, sob a forma de um racismo estrutural que repercute sobre a identidade do homem e da mulher negra, perceptível nas narrativas das imagens midiáticas que revelam a violência cotidiana incidente sobre os corpos negros em nossos dias.

Ainda constitui um fardo imenso falar abertamente sobre o racismo dentro de uma sociedade que ainda maquia sua própria história e seus valores identitários. Mesmo havendo leis que possibilitam a aplicação de uma justiça social mais equitativa, como o estatuto da igualdade, a Lei 10.639/2004 e a Constituição Federal de 1988, que garante a universalidade de tratamento humanitário das pessoas, independentemente de sua origem étnica. Ainda assim, remamos na contramão, quando assistimos o lugar das imagens dos corpos negros e o antagonismo atribuído às pessoas negras nos telejornais, nas redes sociais, etc, com fatos

exemplos do racismo estrutural diário dos quais são vitimados homens, mulheres, crianças e idosos, sobretudo pela forma cruel e submissa como são tratados pelo aparelho repressor do Estado, estigmatizados por sua cor e sua condição social.

As bases do racismo prevaletente em nossa sociedade estão sustentadas em três pilares: no campo estrutural, institucional e individual. A (PNAD) Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do ano de 2019, relatou que 46,8% da população se autodeclarou como parda e 9,4% como preta, ou seja, 56,2% da população brasileira é negra, mas não goza das mesmas oportunidades de realização de bem-estar e de direitos no tratamento que recebem da sociedade.

Os critérios que vinculam os corpos negros e os aprisionam às imagens do racismo estrutural continuam sendo reforçados pela violência das imagens da cultura e as narrativas identitárias racistas e excludentes do campo da representação e da mídia. Essas imagens continuam a propagar o racismo estrutural e identitário em nossos dias, alimentando o imaginário coercitivo da sociedade, que insiste em popularizar as imagens subalternas dos corpos negros, estimulando a perpetuação das desigualdades sociais e da crise identitária.

## Referências

- BAITELLO, Jr. Norval. (2014). A era da iconofagia. Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. 1. ed. São Paulo: Paulus, São Paulo.
- \_\_\_\_\_(2000). As Imagens que nos devoram. In: Seminário Internacional Imagem e Violência, 2000, São Paulo. Disponível em: [http:// www.sescsp.com.br](http://www.sescsp.com.br). São Paulo: SESCSP. Acesso em 20/08/2021.
- \_\_\_\_\_(2018). A carta, o abismo, o beijo: os ambientes de imagens entre o artístico e o midiático. São Paulo: Paulus.
- BHABHA, Homi (1998). O Local da Cultura. Belo Horizonte. UFMG.
- FLUSSER, Vilém. (1982). Ama teu outro como a ti próprio. Shalom, São Paulo.
- GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. São Paulo: L & PM, 2011.
- GOMES, N.L.(2003).Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182.
- HALL, Stuart. (2016). Cultura e representação. Puc- Rio: Apicuri, p.260.
- HEILMAIR, Alex F., BAITELLO JR. Norval. (2019) A imagem como outro do corpo. Matrizes (USP. Impresso), v. 13, p. 139-159.
- PROSS, H. (1980) Estructura simbólica del poder. Barcelona: G. Gili.
- \_\_\_\_\_(1983) La violencia de los símbolos sociales. Barcelona: Anthropos,
- RIBEIRO, Djamila. (2019) Pequeno manual antirracista. São Paulo, Companhia das letras.
- SAID, Edward. (1993) Cultura e Imperialismo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, p.104.
- SILVA, Joyce Gonçalves da. (2014). Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação. Salvador ba: ucsal, issn 2316-266x, n.3, v. 17, p.263-275.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. (2006) Crítica da Imagem Eurocêntrica. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify.

QUIJANO, Aníbal. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, p.118-142